

OLHOS D'ÁGUA: ESCRIVIVÊNCIA, MULHERES E MÃES EM CONCEIÇÃO EVARISTO

*OLHOS D'ÁGUA: WRITING, WOMEN AND MOTHERS IN CONCEIÇÃO
EVARISTO*

Marina Silva Nóbrega

<https://orcid.org/0009-0006-3057-4058>

Universidade Federal de Campina Grande

marina.nobrega@estudante.ufcg.edu.br

Resumo: Escrivivência é um conceito cunhado dentro dos escritos da autora Conceição Evaristo e se refere, para além da escrita de si sobre a realidade de vivências da autora e de sua comunidade afro-brasileira, a uma postura de reconhecimento desse coletivo refletido na literatura como que nos espelhos de Oxum e Iemanjá. Orixás do elemento água, presentes no objeto estudado, utilizam este objeto mencionado para refletir a si com verdade e acolher a comunidade no reflexo. Neste artigo buscamos realizar uma leitura analítica dos contos “Olhos d’água” (2015) e “Maria” (2015), ambos presentes na obra Olhos d’água (2015) de Conceição Evaristo. Como objetivo, temos o de identificar como as mulheres são representadas e refletidas enquanto mães nos contos escolhidos. Para isso, nos apoiamos para construir a análise: Chevalier (2015), em seu estudo sobre simbolismos, a partir do Dicionário de símbolos (2015); Bachelard (1997), em A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria (1997); em Bento (2022) sobre a discussão de mulheres negras e trabalhadoras domésticas, como também em Evaristo (2020), acerca sua “escrivivência”. Como considerações finais, evidenciamos a potência da escrita de Evaristo sobre a sociedade brasileira, refletindo mulheres negras na maioria de seus escritos, principalmente mães.

Palavras-Chave: Conceição Evaristo; Escrivivência; Literatura; Mães.

Abstract: Escrivivência is a concept coined within the writings of author Conceição Evaristo. It refers, beyond self-writing about the reality of the author's experiences and those of her Afro-Brazilian community, to a posture of recognition of this collective reflected in literature as in the mirrors of Oxum and Yemanjá. Orishas of the water element, present in the object studied, use this mentioned object to truthfully reflect themselves and welcome the community in their reflection. In this article, we seek to conduct an analytical reading of the short stories "Olhos d'água" (2015) and "Maria" (2015), both featured in Conceição Evaristo's work Olhos d'água (2015). Our objective is to identify how women are represented and reflected as mothers in the selected stories. To this end, we drew upon Chevalier (2015), in his study of symbolism, based on the Dicionário de simbólicos (2015); Bachelard (1997), in Water and Dreams: Essay on the Imagination of Matter (1997); in Bento (2022) on the discussion of Black women and domestic workers, as well as in Evaristo (2020), about her “escrivivência.” As final considerations, we highlight the power of Evaristo's writing on Brazilian society, reflecting Black women in most of her writings, especially mothers.

Keywords: Conceição Evaristo; Escrivivência;; Literature; Mother

Introdução

Conceição Evaristo constrói suas narrativas tecendo sua escrita com linhas de vida que transpassam cada personagem seu, demarcando um território-conceito próprio de sua criação literária, a “Escrevivência”. Termo cunhado por ela em 1995, o qual une as palavras “escrever” e “viver” (Fonseca, 2020), evidenciando uma escrita de si e suas vivências. Contudo, a autora atualiza este conceito apresentando seu caráter em movimento, como a vida. Em uma entrevista para o programa Roda Viva em 2022, ela explica o conceito estabelecendo uma relação com mitos afro-brasileiros. A partir das Orixás, Oxum e Iemanjá, a autora explica que ambas possuem objetos em comum: espelhos; baseado no aspecto de reflexo, estes conjeturam o autorreconhecimento do sujeito (Oxum) e o acolhimento daquele que cuida (Iemanjá). Assim, a “Escrevivência” se refere à vocalização do olhar reflexivo de Evaristo sobre sua vida e as vivências dos pertencentes à comunidade afro-brasileira (Fonseca, 2020).

Com base em Fonseca (2020) e Duarte (2020) situamos “Escrevivência” como um conceito construído a partir de seu uso em materiais bibliográficos. Mas que inicialmente, foi evocado como “[...] uma estratégia que rasura a ordem legitimada pela figura da ‘Mãe preta’ que conta ‘histórias para adormecer a prole da Casa-grande’” (Fonseca, 2020, p. 60). Neste sentido, nosso enfoque sobre os contos da autora que direciona nosso olhar para as figuras maternas, se justifica na apresentação dessas em personagens femininas, como Maria e a Mãe dos olhos d’água que não surgem como a Mãe preta da Casa-grande, assim apresentando uma outra maternagem. Diante disso, “[...] configura-se a escrevivência como diálogo com a tradição Sankofa¹, que resgata o passado para pensar o presente. E, dessa forma, preparar os caminhos de uma percepção do negro [...]” (Duarte, 2020, p. 92).

Com essa tradição de resgatar o passado para enunciar o que foi silenciado, de modo a se pensar o presente, apresentamos *Olhos d’água*, o quinto livro (publicado no ano de 2014) da escritora, professora e poetisa Conceição Evaristo. Uma coletânea de 15 contos sensíveis, cuidadosamente escritos, com narrativas marcantes e densas, com temáticas pertinentes a vidas de pessoas afro-brasileiras, suas vivências em espaços marginais e urbanos, contando sobre afetos e desafetos, violências, a ausência de atenção e cuidado, o corpo e a existência feminina.

Dentre os quinze contos presentes na obra, sete deles são protagonizados por mulheres-mães. Com a leitura do livro na íntegra, selecionamos “Olhos d’água” (2015) e “Maria” (2015), diante da poética e impacto de suas narrativas, ambos protagonizados por mulheres-mães, sendo o primeiro, narrado pela personagem da filha e o segundo por um narrador que observa “Maria”. Salientamos a escolha dos contos mencionados a partir da apresentação de diferentes Mães, assim temos como objetivo identificar como as mulheres são representadas e refletidas enquanto mães nos contos escolhidos.

¹ A partir do símbolo atrelado ao termo, pode-se traduzir para: “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”.

Fonte: <https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/>.

Com o corpus escolhido, a leitura apresentada na análise é pautada na fala da autora sobre “Escrevivência”, ancorada no aspecto de reflexo, uma vez que “Olhos d’água” (2015) é repleto de metáforas e poética das águas, apresentando este elemento da natureza como símbolo muito significativo, possibilitando a idéia de “espelho d’água”. Assim, retomaremos as figuras das Orixás para tratar sobre a mulher-mãe e o símbolo da água, elemento comum entre estas figuras divinas. Para isso, nos embasaremos em Sueli Carneiro, com base no seu texto *O poder feminino no culto aos Orixás* (1993); em Gaston Bachelard a partir de *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria* (1998), sobre o simbolismo e representação do elemento água.

Tendo em vista o aspecto anteriormente mencionado, analisaremos o que reflete a representação construída por Evaristo das mulheres-mães também no “Maria” (2015), um conto mais árido e impactante. Assim, nos apoiaremos em Jean Chevalier em seu estudo acerca de simbolismos, a partir do *Dicionário de símbolos* (2015), para observar o simbolismo de mulher que é atribuído às personagens; e em Bento (2022) ancorada em *O pacto da branquitude* (2022), sobre a discussão de mulheres negras e trabalhadoras domésticas, como também em Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes em *Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (2020), acerca da “Escrevivência” da autora enquanto mulher e vocalizadora de outras mulheres negras, constituem o aporte teórico deste trabalho.

1. Escrevivência: um território-conceito da Literatura afro-brasileira

No texto “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita” (2020), Conceição Evaristo escreveu: “mas digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo o que ouvi desde a infância” (Evaristo, 2020, p. 52). A escuta de relatos, histórias, segredos, tantas palavras trocadas e endereçadas para mulheres e entre elas, presentes em sua convivência, foram provocativas para fomentar sua escrita. As narrativas da autora se encontram na Literatura afro-brasileira, nos apoiamos em Lobo para tratar deste campo-conceito,

Poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo) (Lobo, 2007, p. 315).

Assim, se firmam os escritos de Evaristo, como produções literárias de uma afrodescendente que se firma como tal e expressa isso em seus textos, diferenciando-se da produção de autores (a) brancos. No sentido de retomar traços que foram brutalmente silenciados da história brasileira, além de trazer personagens não estereotipadas e protagonistas de suas histórias. Com isso, entre tantas mulheres construídas pela autora, perpassam em suas histórias traços de mulheres reais, não ficcionais. “Como ouvi

conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós, era a talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos” (Evaristo, 2020, p. 52).

A autora cresceu em uma casa repleta de mulheres, “cabeças da família”, trabalhadoras domésticas, mães e tias que passavam horas, dias, o ano inteiro, na atividade de lavadeiras, além de cuidadoras, das casas, dos maridos, dos filhos ou sobrinhos. O que a admirava era a tentativa de registro por meio da escrita que estas mulheres buscavam fazer do montante de roupas e entregas a serem feitas, uma vez que todas tinham nenhuma ou irrisória instrução escolar. Esse ato de resistência em meio a uma sociedade tão hostil fez com que Evaristo buscasse, com apoio de uma tia, os estudos. Assim, investiu em sua educação, além de, principalmente, sua escrita, lugar em que se encontrou e despertou suas águas potentes vindas de seus ancestrais para tratar de “Escrevivências”.

As narrativas e os poemas de Evaristo são o descobrimento de uma função, urgência, dor, necessidade e esperança pela escrita. “Olhos d’água” (2015) e “Maria” (2015) revelam mulheres-mães que lutam, protegem e resistem em um sistema social que a todo o momento se manifesta contrário à existência delas. Sobre as realidades tratadas, demonstram uma luta não justa, com uma parcela que não é majoritária, mas potente de privilégios, os brancos. Conceição Evaristo, na obra *Olhos d’água* (2015), traz vivências em sua escrita, com narrativas que se assemelham a relatos, pela brutalidade, a pessoa do discurso e os recortes de momentos específicos.

Para tratar das personagens mulheres-mães de Evaristo, recorreremos inicialmente ao conceito de maternagem ancorado em Maria Collier de Mendonça (2021),

[...] o termo *mothering* resulta da fusão do verbo *to mother* (Ruddick, 1989) com o sufixo *-ing*, que indica ação e processo contínuo. Portanto, a palavra maternagem corresponde ao termo que melhor traduz o conceito de *mothering* para o português, pois inclui o sufixo *-agem*, de origem latina, que expressa, exatamente, a ideia de ação ou resultado de ação (Mendonça, 2021, p. 61).

O conceito traduzido se refere a ação de um processo contínuo, relativo às mães, assim podemos pensar no exercício de cuidado, atenção, proteção, nutrição, entre outros, visto que a maternidade se refere “[...] ao poder biológico e aos significados institucionais, simbólicos e culturais [...]” atrelados ao conceito. A partir de Jean Chevalier, em *Dicionário de Símbolos* (2015), temos que o símbolo é mais que um signo ou sinal: ele corrobora para a passagem do significado a outro nível, e isso depende de uma interpretação que parte de determinada predisposição. Deste modo, pontuamos a mulher e a mãe como símbolos, porque além de figuras possíveis unificadas com significados diversos, essas duas imagens divergem a partir da perspectiva. Para a leitura dos contos “Olhos d’água” (2015) e “Maria” (2015) nos pautamos, principalmente, na teoria de símbolos. Portanto, diante das várias simbologias atribuídas ao ser feminino, podemos indagar: existe uma só ser mulher? E uma só forma de ser mãe?

As narrativas de Evaristo concentram-se em escrivências de pessoas negras, as pautas de raça e gênero perpassam suas escritas, firmando-se necessárias e importantes. Antes de adentrarmos na análise procurando uma resposta para a primeira questão formulada: existem várias “formas” de mãe, a avó, a madrasta, a própria mãe, a sogra, entre outras; nos contos, as imagens são de mães negras, periféricas, trabalhadoras, cuidadoras e sonhadoras, além de tudo, mães-solo. Veremos nos contos quais as mulheres refletidas nestas narrativas.

2. leitura das mães em “Olhos d’água” (2015) e “Maria” (2015) de Conceição Evaristo

“Olhos d’água” (2015) tem início do seguinte modo: “uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca” (Evaristo, 2015, p. 15). Esse conto é narrado por uma filha que rememora uma lembrança. Ela despertou de um sono com uma questão: “de que cor eram os olhos de sua mãe?” (Evaristo, 2015, p. 15). Após isso, segue contando suas vivências de infância, como sendo a primeira das sete filhas de uma mãe-solo, visto que nenhuma figura paterna é mencionada no texto. A filha mais velha que cresce rápido por ceder o lugar de mais nova sempre a suas irmãs e que se encontra ao lado de sua mãe, a observa e aprende a compreendê-la.

Neste despertar, o que mais a incomoda é lembrar de diversos detalhes do corpo da mãe, mas não da cor de seus olhos. Entre as histórias de infância que denunciam uma situação de vulnerabilidade socioeconômica, temos o seguinte trecho: “às vezes, as histórias de infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância” (Evaristo, 2015, p. 16), evidenciando uma repetição nas situações vividas por mãe e filha. Após este trecho marcante, a filha conta sobre a “água solitária” da panela cozinhando uma ilusão, um nada de possibilidades que podiam abastecer essa família, evidenciando a precária situação de falta de alimento.

Em situações de maior vulnerabilidade, essa mãe brincava com as filhas. Na falta de alimento ou em um dia de chuva densa que ameaçava derrubar o teto da família, ela acolhia, como expresso no trecho a seguir:

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós (Evaristo, 2015, p. 17).

Além disso, ela provocava risadas e alimentava o imaginário das filhas, como fazendo de conta que as nuvens são algodões doces que devem ser levados à boca rapidamente para não se perderem. Nesses momentos de temor, ela tinha um sorriso molhado, nos de maior incerteza, seus olhos se confundiam com os olhos da natureza, e em dias de chuva, ambas choravam. A poética das águas é refletida na linguagem que expressa uma comparação entre mãe e natureza, ambas matrizes da vida.

Chevalier pontua que “a mãe é a segurança do abrigo, do calor, da ternura e da alimentação” (2015, p. 580). Neste sentido, o movimento da filha de recuperar sua origem, lembrar, vivenciar, revela assim o poder das lágrimas, “[...] tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face” (Evaristo, 2015, p. 18), a potência da nascente, da vida e da imensidão, “rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície” (Evaristo, 2015, p. 19). Além da resposta para a questão, de que cor era os olhos da mãe, “era cor de olhos d’água” (Evaristo, 2015, p. 18).

A filha relembra que estava longe de sua cidade natal depois desse momento de angústia, que se torna ímpeto para ela voltar: “assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe (Evaristo, 2015, p. 18). Retornando, ela encontra sua mãe com os olhos molhados, agora de alegria. A filha volta para rememorar e nunca mais esquecer a cor dos olhos de sua mãe, águas correntezas, origem de afeto, cuidado e abrigo.

A filha que narra, agora mãe, conta: “hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam espelho para os olhos da outra” (Evaristo, 2015, p. 19). O espelho é muito significativo, principalmente quando no mesmo conto se menciona “Mamãe Oxum”, Orixá do elemento água que possui um espelho, o qual reflete o autorreconhecimento do sujeito dentro do mito afro-brasileiro.

A partir dos olhos, principalmente da cor deles (“olhos d’água”), a filha se reconhece diante da mãe, no reflexo do espelho-olhar e isso se repete mais tarde. E esse autorreconhecimento é marco para sua existência e identidade. Segundo Bachelard (1997), a água é um elemento primitivo de geração daquilo que é necessidade vital, humana. Essa ideia está em um hino védico citado pelo autor em *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria* (1997). Além disso, água é projeção da natureza enquanto elemento desta, e a natureza sentimentalmente, para o mesmo autor, “é uma projeção da mãe” (Bachelard, 1997, p. 120).

No viés simbólico, para Chevalier, o símbolo da mãe de que o conto mais se aproxima é a partir da ligação desta com o mar: “[...] está ligado ao do mar [...], na medida em que eles são, ambos, receptáculos e matrizes da vida” (Chevalier, 2015, p. 580; Guei. 306. n. 4 apud Chevalier, 2015, p. 581). Essa percepção é fortalecida quando quem narra fala sobre as “águas da Mamãe Oxum!” (Evaristo, 2015, p. 18-19). Oxum, na mitologia Iorubá, habita as águas doces, “[...] condição indispensável para a fertilidade da terra e produção de seus frutos, donde decorre sua profunda ligação com a gestação” (Carneiro; Cury, 1993, p. 23). Ela é filha de Iemanjá, a Senhora das Águas Doces, a grande mãe do amor e da fertilidade. “Em alguns mitos, é do rompimento dos seus seios que nascem todos os orixás, daí sua estreita ligação com a fecundidade” (Carneiro; Cury, 1993, p. 26). As águas de Oxum estão nos olhos da mãe, por isso a benção, o amor e a proteção. Portanto, as figuras mães neste conto são atreladas à imagem da Orixá, matrizes de afeto, cuidado e abrigo.

O segundo conto escolhido para a análise foi “Maria” (2015) diante do impacto sentido em sua leitura e a pertinência do debate sobre as temáticas apresentadas: maternidade, racismo e trabalho doméstico. A narrativa tem como desfecho o seguinte trecho: “Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho” (Evaristo, 2015, p. 42). O verbo “querer”, no pretérito imperfeito, denuncia uma ação não finalizada e o que ocorreu para que a mensagem aos seus filhos não chegasse?

Maria é mulher, mãe-solo de três filhos, trabalhadora doméstica e solteira. Em uma manhã de segunda-feira, ela espera o ônibus no ponto, vindo do trabalho em que passou o final de semana. Ela vem trazendo frutas, entre estas, melão que os meninos nunca provaram: “será que os meninos iriam gostar de melão?” (Evaristo, 2015, p. 40) ela se pergunta, e um osso de pernil. Quando o ônibus chega, sobe com suas sacolas e vê um rosto conhecido: o pai de seus filhos; trocam “cochichos”, ele de carinho aos meninos. O que sugere que ele não os vê há tempos, apenas dois são seus. E ela, “a mulher baixou os olhos como que pedindo perdão” (Evaristo, 2015, p. 40), um perdão por se permitir se relacionar com outros homens, talvez. Tudo muda e acontece rapidamente, quando o pai de dois dos seus filhos está armado e seu parceiro anuncia um assalto, não levam nada dela, aliás, sua vida, “estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida” (Evaristo, 2015, p. 42).

Os passageiros inferem que por Maria ser conhecida dos assaltantes, ela era cúmplice. Com os homens? Nada sucedeu, mas com a mulher, xingaram, surraram e lincharam Maria até a morte. Isso porque o homem não levou nada dela naquele dia, além de sua vida. Neste conto, quem narra, observa a manhã de uma segunda-feira da vida de Maria. Ela não viveu para chegar em casa. No momento em que os policiais chegaram no ônibus, [...] o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado” (Evaristo, 2022, p. 42). Ela deixou de ser Maria para ser uma mulher cuja vida foi julgada como menor e assim, roubada, mais uma mulher vítima de racistas. Morta porque associaram automaticamente ela com os homens, para eles, meros assaltantes e para Maria, um deles pai de seus filhos.

Com a leitura, podemos retomar o título de um texto da filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira, Djamilia Ribeiro: “quem se responsabiliza pelo abandono da mãe?” (2018). Neste conto, a mãe é Maria, não a figura “Mãe divina” da Virgem Maria do catolicismo, “[...] a sublimação mais perfeita do instinto e a harmonia mais profunda do amor” (Chevalier, 2015, p. 580), mas uma mulher trabalhadora doméstica, vítima da vulnerabilidade social da pobreza e mãe-solo, abandonada pelo pai de seus filhos, pelo Estado e pelos cidadãos. Esse abandono é reflexo de um racismo enraizado na sociedade, estruturado nas veias sociais que se alimentam de sistemas hierárquicos, mantidos na história de nosso país que se refaz dia após dia; o sistema colonial não é apenas referência, mas, em certa medida, reverberação atualmente.

No capítulo 7, “O caso das mulheres”, em *O Pacto da Branquitude* (2022), Cida Bento bem coloca, “o trabalho de doméstica remonta também a um espaço social que atravessa os séculos e bebe à fonte da escravidão. Mulheres negras responsáveis por cuidar, limpar e alimentar um lar” (Bento, 2022, p. 80). Essas funções facilmente são exercidas por Maria, enquanto trabalhadora doméstica, ela cuida mais daqueles que a

aprisionam do que de seus filhos. A escravidão moderna está para a falta de liberdade imposta estruturalmente, em que as mulheres negras não têm direitos como existir, viver, ir e vir tranquilamente, como mulheres. Dito isto, resgato um trecho presente no livro *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018), no capítulo, “O racismo dos outros” (2018), de Kabengele Munanga: “o racismo é um crime perfeito no Brasil, porque quem o comete acha que a culpa está na própria vítima; além do mais, destrói a consciência dos cidadãos brasileiros sobre a questão racial” (Munanga apud Ribeiro, 2018).

Os passageiros que violentaram Maria direcionaram a culpa do assalto para ela, com a “justificativa” de que ela era cúmplice dos assaltantes, ninguém a ouviu, nenhum dos presentes viu Maria como um ser humano no papel de passageira como os outros, desumanizaram e a assassinaram. Lélia Gonzalez fala sobre isso quando diz: “falar da opressão da mulher latino-americana é falar de uma generalidade que oculta, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito caro pelo fato de não serem brancas” (Gonzalez, 1988, pp. 133-41 apud Bento, 2022, p. 84). Maria morreu por não ser branca, Maria reflete muitas outras. A mãe que luta por seus filhos não foi vista no ônibus. Assim, Evaristo ecoa vozes de modo a denunciar a tamanha violência que se tornou cotidiana diante do descaso quanto a comunidade afro-brasileira.

Considerações finais

Neste artigo analisamos os contos “Olhos d’água” (2015) e “Maria” (2015) em que temos mães que lutam, protegem e resistem em realidades que dificultam suas existências. Conceição Evaristo traz vivências em sua escrita, de modo que suas narrativas se assemelham a relatos, pela brutalidade, a pessoa do discurso e os recortes de momentos específicos. *Olhos d’água* (2015) é repleto de imagens poéticas, fortes e sensíveis. A menção a Oxum é de uma grandiosidade significativa, a figura das mães na narrativa, a força e a resistência são reais. A mãe que está no conto é a mãe protetora. Em “Maria” (2015), a denúncia da escravidão moderna se apresenta como um “regime” em que mulheres negras ainda estão presentes em casas de elite de pessoas brancas sob circunstâncias desumanas, de falta de respeito e empatia. O que a protagonista vivencia atesta para a falta de liberdade imposta estruturalmente, em que as mulheres negras não têm direitos como existir e ir e vir tranquilamente. Deste modo, evidenciamos a potência da escrita de Evaristo, seus contos são impactantes e reais, como também instrumentos de resistência, denúncia e vocalização de vozes negras na literatura. Ao tratar de narrativas que refletem a sociedade brasileira, apresentando mulheres negras na maioria de seus escritos, principalmente mães, verificamos como a escrita literária feminina está apoiada em símbolos e as referências à mitologia dos orixás são constituintes de uma ancestralidade identitária em contos da referida autora.

Referências

BACHELARD, Gaston. A água maternal e a água feminina. In: **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 119-138.

BENTO, Cida. O caso das mulheres. In: BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 79-88.

BRANDÃO, JUNITO DE SOUZA Mitologia Grega – . Vol. I – 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. _____ Mitologia Grega – . Vol. II – 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2015

BRASILEIRAS, Leituras. CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrivivência. YouTube, 6 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxvY>

CARNEIRO, Sueli; CURY, Cristiane Abdon. O Poder Feminino no Culto aos Orixás. In: GELEDÉS. **Mulher Negra**. São Paulo: Cadernos Geledés, 1993. p. 19-35.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário dos símbolos: (mitos, sonhos, gestos, formas, figuras, cores, números)**. 27º ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

Conceição Evaristo. Literafro: o portal da literatura afro-brasileira, 2023. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

COLLIER DE MENDONÇA, M. **Maternidade e maternagem: os assuntos pendentes do feminismo**. Revista *Ártemis*, [S. l.], v. 31, n. 1, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2021v31n1.54296. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/54296>. Acesso em: 24 out. 2024.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Literafro: o portal da literatura afro-brasileira, 08 out, 2024. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 08 out, 2024.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

OXUM. Santuário Nacional da Umbanda, [s.d]. Disponível em:
<https://santuariodeumbanda.com.br/site/loais-para-oferendas/vale-dos-orixas/oxum/>.
Acesso em: 29 de maio de 2023.

RIBEIRO, Djamila. O racismo dos outros. In: RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODA VIVA. Conceição Evaristo explica o conceito de “escrevivência” e relação com mitos afro-brasileiros. YouTube, 2022. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=J-wfZGMV79A>